

A ESQUIZOANÁLISE EM PROJETOS DE CURSO DE PSICOLOGIA: ANÁLISE COMPARATIVA E POSSIBILIDADES DE INSERÇÃO

*Matusalém de Brito Duarte¹
Maria Clara Moreira Rosa²*

RESUMO

A Esquizoanálise de Deleuze e Guattari, a partir da crítica à Psicanálise e sua estruturação do inconsciente, traz como proposta uma nova compreensão do inconsciente, não como falta, mas como máquina de produção desejante. Este artigo é resultado de uma pesquisa de cunho quali-quantitativo, que teve como objetivo fazer uma análise comparativa da inserção da Esquizoanálise no currículo e no projeto pedagógico dos cursos de formação de psicólogos de duas universidades distintas: U1 e U2. Além de pesquisa teórica, foi feita uma pesquisa documental dos currículos e projetos pedagógicos das instituições. Os resultados apontam que os saberes esquizoanalíticos estão concentrados nas unidades curriculares que abordam análises macropolíticas, institucionais e grupais. Verificamos que há uma escassa presença da esquizoanálise nos cursos em questão, estando presente em apenas 5,68% das disciplinas e em 1,7% das bibliografias da U1, ao passo que na U2 ela é observada em 4,1% das disciplinas e 0,8% do total de bibliografias.

PALAVRAS-CHAVE: *Esquizoanálise, Formação em Psicologia, Clínica, Currículo.*

¹ Doutorado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Mestre e licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor do Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG. Participante do grupo de pesquisa Ensino de Geografia. Orcid-ID: <https://orcid.org/0000-0003-0576-7481>. E-mail: matusalem@cefetmg.br.

² Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Monitora do Laboratório de Psicologia Social e Direitos Humanos da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Bolsista de Iniciação Científica no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Orcid-ID: <https://orcid.org/0000-0002-2713-4143> E-mail: mclaramoreirarosa@gmail.com

THE INSERTION OF SCHIZOANALYSIS IN PEDAGOGICAL PROJECTS OF UNDERGRADUATE PSYCHOLOGY PROGRAMS: A COMPARATIVE ANALYSIS

ABSTRACT

Deleuze and Guattari's Schizoanalysis, from the criticism of Psychoanalysis and its structuring of the unconscious, proposes a new understanding of the unconscious, not as lack, but as machine of desiring production. This paper is the result of a qualitative-quantitative research, which aimed to compare the insertion of Schizoanalysis in the curricula and in the pedagogical projects of two different universities' undergraduate Psychology programs: U1 and U2. In addition to a theoretical research, a documentary research on the curricula and pedagogical projects of both undergraduate programs were carried out. The results show that schizoanalytic knowledge is concentrated in curricular units that address macro-political, institutional and group analyses. We found that there is little presence of schizoanalysis in the programs in question: it is present in only 5.68% of the courses and in 1.7% of the U1's bibliographies, while in U2 it is observed in 4.1% of the courses and 0.8% of the total bibliographies.

KEYWORDS: *Schizoanalysis, undergraduate Psychology programs, Clinic, Curriculum.*

1 INTRODUÇÃO

A esquizoanálise é um conjunto de saberes e práticas desenvolvido por Gilles Deleuze e Félix Guattari no pós-maio de 68 e que tem como pilar a publicação das obras “O Anti-Édipo” e “Mil Platôs”. Dentre as muitas discussões apresentadas pelos autores, cabe destacar a nova maneira de realizar uma leitura do mundo a partir do conceito de rizoma, que concebe a realidade enquanto multiplicidade e com inúmeros atravessamentos, sejam eles culturais, materiais, biológicos, políticos, econômicos, relacionais, sociais ou ambientais. Desse modo, os sujeitos são abordados nos seus processos de subjetivação, que se dão no encontro com o outro, sendo permeados pelas mais diversas potencialidades (BAREMBLITT, 2010). Tal perspectiva traz várias contribuições para as mais diversas áreas do conhecimento, principalmente no que diz respeito a uma nova compreensão da sociedade e dos sujeitos, justamente por desenvolver uma leitura de mundo comprometida com o questionamento das estruturas, das hierarquias e dos binarismos como formas redutoras e aprisionadoras de subjetivação (DELEUZE; GUATTARI, 1995a).

Dentre as áreas que podem desenvolver diálogos com a esquizoanálise, chama-se atenção para a psicologia. Os muitos campos dos saberes da ciência psicológica são marcados por análises e interpretações dos sujeitos e da sociedade. Porém, percebe-se que, algumas vezes, as visões do ser humano mais buscam enquadrá-lo e diagnosticá-lo do que ouvi-lo e entendê-lo com o objetivo de intervenção, potencializando afetos, encontros e ações que o diferenciem.

Dessa forma, esse artigo tem como objetivo principal, apresentar um estudo feito com o intuito de avaliar e comparar a presença dos saberes da esquizoanálise nos currículos de dois projetos pedagógicos de cursos de Psicologia diferentes. Para isso, primeiramente, serão abordados conceitos da esquizoanálise em diálogo com os saberes psicológicos, com o intuito de desenvolver possibilidades de novas c(k)línicas que busquem as potencialidades dos sujeitos a partir de seus atravessamentos afetivos e sociais.

Dentre as contribuições desta pesquisa, ressalta-se que a busca pela utilização de conceitos e ideias esquizoanalíticas como uma maneira de auxiliar e enriquecer a formação e a prática da psicologia é de extrema importância para que tal campo amplie

seu leque de saberes e de competências, desenvolvendo novas formas de atuação profissional.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o estudo que resultou neste artigo, foram utilizados dois procedimentos metodológicos: pesquisa bibliográfica/teórica a respeito da presença da esquizoanálise em currículos de duas graduações em Psicologia distintas e análise documental de seus projetos político-pedagógicos, de caráter quali-quantitativo. Para Gil (2008), a pesquisa bibliográfica desenvolve-se a partir de um material já elaborado, como livros e artigos, tendo como objetivo a apreensão de determinado fenômeno ou questão. Já a pesquisa documental, de acordo com Flick (2013), comporta uma combinação de métodos qualitativos e quantitativos para análise de um determinado documento, que tem como característica apresentar dados primários sem tratamento analítico prévio. Dessa forma, a partir do estudo de diversas bibliografias e da análise de condições contextuais, sociais e institucionais, além de um estudo de frequência e distribuição, realizou-se nesta pesquisa uma avaliação da presença e das possíveis contribuições da esquizoanálise nos currículos e nos projetos pedagógicos de cursos de Psicologia.

Quanto à pesquisa bibliográfica, foram utilizadas várias bibliografias de Deleuze e Guattari, como “O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia” e “Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia”, além de diversos artigos e livros de referência da Esquizoanálise (DELEUZE; GUATTARI, 2010, 1995a, 1995b, 1996, 1997a, 1997b; GUATTARI, 1981; HUR, 2019; BAREMBLITT, 2010).

No que diz respeito à pesquisa documental, o documento escolhido como corpo de análise foi o Projeto Pedagógico do Curso de Psicologia de duas universidades distintas do estado de Minas Gerais, sendo que a primeira (U1) é privada e encontra-se na capital, enquanto a segunda (U2) é estadual e localiza-se em uma cidade do interior do estado.

A análise dos projetos foi fundamentada nas discussões sobre pesquisa documental apresentadas por Cellard (2010), por Seixas *et al.* (2013) e por Gesser e Ranghetti (2011). Cellard (2010) delimita cinco dimensões para o desenvolvimento de

uma avaliação crítica do documento estudado: o contexto, os autores, a autenticidade e confiabilidade do texto, a natureza do texto e a análise.

Além de Cellard, Seixas *et al.* (2013) também apresentam uma metodologia de análise de documentos, se atendo em específico à questão dos projetos pedagógicos. Assim, indicam três estratégias para a pesquisa: a primeira referente aos fundamentos teóricos, filosóficos e pedagógicos; a segunda, às ênfases curriculares e disciplinas; e a terceira, à prática profissional.

Gesser e Ranghetti (2011) enriquecem a discussão acerca das análises curriculares, por meio de um viés contemporâneo. As autoras destacam a necessidade da adoção de um novo paradigma epistemológico na construção das propostas curriculares, estabelecendo uma crítica à evidente hegemonia dos saberes estratificados, enrijecidos e positivistas, muitas vezes usados como base dos currículos universitários.

Nesse sentido, foi possível estabelecer um diálogo entre essas autoras e os parâmetros expostos por Cellard (2010), verificando-se o contexto de desenvolvimento de cada um dos projetos pedagógicos estudados, considerando a situação social, econômica, cultural e política do país, e relacionando-o com a noção de psicologia. O primeiro projeto, referente à U1, data do ano de 2016 e estabeleceu-se com base na concepção emergente do papel social das universidades e, conseqüentemente, da ciência psicológica. Já a U2 justifica a construção de seu projeto pedagógico, datado de 2017, contextualizando a grande expansão das áreas de atuação da psicologia para além da clínica e sua expansão para as áreas de saúde coletiva, das organizações, da educação, dentre outras. Ambos os projetos foram amparados nas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, instituídos pela Resolução CNE/CES nº 05, de 15 de março de 2011.

No que concerne aos autores dos projetos pedagógicos, ambos foram elaborados pelos Núcleos Docentes Estruturantes das universidades em questão, em diálogo com os Colegiados de Coordenação de cada um dos cursos. Ademais, ainda seguindo os pressupostos de análise de Cellard (2010), torna-se necessário destacar a autenticidade e confiabilidade de cada um dos projetos. Ambos são de domínio público e de fácil acesso, sendo encontrados nos sites oficiais das universidades. Porém, percebeu-se certa desatualização quanto ao projeto pedagógico da U1, uma vez que, de acordo com as informações encontradas no site desta, eram três os currículos vigentes no ano de

realização desta pesquisa; contudo, apenas o projeto que explicita o currículo mais antigo foi encontrado. O mesmo não ocorre na U2, visto que o projeto pedagógico indicado em seu site é o mais atualizado e pertence ao currículo em vigor.

Sobre a natureza dos textos, por serem projetos pedagógicos, podem ser caracterizados como documentos normativos dos cursos de graduação em psicologia. Por isso, descrevem a estrutura e os regulamentos do curso, as disciplinas ofertadas, as concepções de sujeito e sociedade que serão trabalhadas e os princípios considerados fundamentais para o exercício da psicologia. A última dimensão descrita por Cellard (2010) é a análise, isto é, a discussão entre o corpus da pesquisa, seu objetivo e os documentos considerados. Para tal, foi empregada a metodologia de análise de projetos pedagógicos de Seixas *et al.* (2013). Desse modo, ambos os projetos foram divididos segundo as bases dos autores e posteriormente comparados entre si, levando-se em conta a presença ou não da esquizoanálise em cada um dos currículos e suas possibilidades de contribuição para a formação.

A análise dos fundamentos teóricos, filosóficos e pedagógicos deu-se a partir da leitura das concepções que atravessam a compreensão da psicologia para cada uma das universidades, dos objetivos dos núcleos comuns e de cada ênfase ofertada por ambos os currículos. Em seguida, realizou-se uma correlação entre as semelhanças dos fundamentos dos currículos em estudo e foram destacadas as contribuições que o estudo da esquizoanálise pode oferecer, baseando-as na pesquisa bibliográfica executada.

A respeito das ênfases curriculares e das disciplinas ofertadas, as análises desenvolveram-se a partir das ementas e bibliografias básicas e complementares descritas em cada projeto pedagógico. Dessa forma, buscou-se verificar a presença de ementas que descrevessem o estudo da esquizoanálise e de autores e textos esquizoanalíticos nas bibliografias de cada disciplina. Tais verificações foram feitas de forma qualitativa, com a exposição de algumas ressalvas e hipóteses, e quantitativa, com uma avaliação percentual da inserção da esquizoanálise nos cursos.

Por último, foi efetuada a análise da prática profissional apresentada em cada um dos currículos, essa sendo representada não apenas pelas disciplinas práticas, mas também pelas possibilidades de atuação do profissional da psicologia a partir de toda a sua formação pluralista e ampliada no decorrer do curso. Em vista disso, avaliou-se de que modo a esquizoanálise poderia ser inserida em disciplinas de ambos os projetos,

visando sustentar as possibilidades de uma prática profissional em psicologia baseada em princípios esquizoanalíticos. Os resultados das análises supracitadas são apresentados a seguir nos resultados e discussão.

3 DIÁLOGOS ENTRE A ESQUIZOANÁLISE E A PSICOLOGIA

Tendo como fundamento a leitura e o estudo de diversas bibliografias, tais como “O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia”, “Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia”, entre outras, buscou-se elaborar um diálogo entre a esquizoanálise e a psicologia. Tais diálogos serão apresentados a seguir, no subtópico “Esquizoanálise: uma contextualização histórico-conceitual”, no qual a Esquizoanálise será apresentada enquanto campo de saber e conceitual que pode contribuir para a formação do Psicólogo, e no subtópico “A relação entre a Esquizoanálise e a Psicologia”, no qual será dada ênfase à discussão entre as concepções tradicionais da Psicologia e sua clínica, e à potencialidade de inserção de conhecimentos para a chamada clínica social ou esquizoanalítica. Essa análise teórica e conceitual foi fundamental para subsidiar a análise documental, apresentada no tópico 4 deste artigo.

3.1 Esquizoanálise: uma contextualização histórico-conceitual

Desenvolvida por Gilles Deleuze e Félix Guattari, a esquizoanálise constituiu-se a partir de um diálogo com as mais diversas áreas dos saberes; por isso, apenas uma definição não é suficiente para abarcar sua multiplicidade. De acordo com Barembliitt (2010), a esquizoanálise é “uma leitura do mundo”, uma forma de observar a realidade com base em suas potencialidades e diversificações. Já Hur (2019) a define como “um campo teórico-político” de análises micro e macropolíticas das relações de poder, desejo e afeto, considerando os espaços clínicos, institucionais, políticos e sociais.

Gilles Deleuze, um dos autores da esquizoanálise, foi um filósofo francês de grande destaque na área, que por um longo período de tempo foi professor da Sorbonne, Paris VIII. Um dos momentos mais marcantes da vida e carreira do filósofo foi seu encontro com Félix Guattari, um militante, político, psicanalista e intelectual francês

que, por não possuir titularidade acadêmica, até a atualidade sofre discriminação de alguns estudiosos da filosofia da diferença (GUÉRON, 2021).

A filosofia da diferença é uma proposta teórico-prática do filósofo Gilles Deleuze. A sua premissa é desafiar e questionar determinismos epistemológicos e práticos que imperam sobre a construção dos saberes, propondo a manutenção e criação de conhecimentos que não sejam mecânicos e rígidos, mas flexíveis, novos e criativos (DELEUZE, 2020). É a partir desta filosofia que podemos encontrar a Esquizoanálise, ambas frutos da efervescência social e dos questionamentos trazidos pelo movimento de Maio de 68. As muitas manifestações e os vários protestos presentes na França nesse período foram consequência das más condições trabalhistas e do extremo conservadorismo presente em diversas esferas sociais, como nas universidades. Todo esse movimento trouxe à tona inúmeros questionamentos e reflexões a respeito do capitalismo e das ordens de poder, assim como reivindicações de melhores condições sociais (SKEIKA, 2018).

Dessa forma, a partir dos acontecimentos e dos questionamentos decorrentes de Maio de 1968, foi escrita a primeira obra em conjunto de Deleuze e Guattari, “O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia”. Apoiando-se em noções de diversas áreas do conhecimento como linguística, política, economia, artes, entre outras, os autores desenvolveram críticas a respeito do sistema capitalista vigente e da clínica psicanalítica, principalmente a freudiana (DELEUZE; GUATTARI, 2010).

Além de “Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia”, outra obra dos autores, primordial para o desenvolvimento da esquizoanálise, é o livro “Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia”, publicado no Brasil em cinco volumes (DELEUZE; GUATTARI, 1995a, 1995b, 1996, 1997a, 1997b). No segundo tomo, Deleuze e Guattari buscam criar noções ou princípios que norteiem os saberes da filosofia da diferença, entre eles os conceitos de rizoma, multiplicidade, devir, acontecimento, agenciamento, corpo sem órgãos e territórios, sendo importante destacar que a crítica à psicanálise encontra-se presente no desenrolar da leitura.

Opondo-se à ideia arbórea de mundo, apresentada inicialmente por Descartes, com hierarquias, ramificações e estruturações, Deleuze e Guattari propõem o mundo como um rizoma, povoado por forças, territórios e multiplicidades. Apoiados em muitas áreas dos saberes, os autores constroem o conceito de rizoma a partir de alguns

princípios. Dentre eles, o princípio da conexão ou heterogeneidade, ou seja, a possibilidade de conexão entre qualquer um dos pontos do rizoma com qualquer outro ponto do mesmo; o princípio da multiplicidade, aquele que determina a inexistência de uma unidade, de um uno; o princípio de ruptura a-significante, que demonstra a possibilidade de quebra e reconstrução do rizoma, a partir de suas linhas de forças, desterritorializações e reterritorializações; e os princípios de cartografia e decalcomania, esses que descrevem a não estruturação do rizoma, seu intuito de criar e não de reproduzir (DELEUZE; GUATTARI, 1995a).

Dessa forma, a esquizoanálise fundada por Deleuze e Guattari, e estudada por muitos outros autores como Gregório Baremlitt, Suely Rolnik, Virgínia Kastrup, Domenico Hur, Byung-Chul Han e Peter Pál Pelbart, apresenta outra forma de analisar e observar o mundo e a sociedade atual, com enfoque em seus processos, subjetividades, desejos e no inconsciente-multiplicidade. Sendo assim, esse conjunto de saberes pode e deve ser aplicado nas mais diversas áreas, como na psicologia, com o intuito de construir potencialidades afetivas e não mais apenas reproduzir saberes, práticas, patologizações e diagnósticos.

3.2 A relação entre a Esquizoanálise e a Psicologia

Normalmente, na prática da formação de psicólogos, a relação entre a Esquizoanálise e a Psicologia não é tão explicitada, uma vez que, mesmo com a crítica direta à psicanálise, os princípios esquizoanalíticos se preocupam inicialmente, em maior grau, com análises macro e micropolíticas, que se expandem para além desse campo de conhecimento. Essas não são tradicionalmente vinculadas à prática do psicólogo, a qual, muitas vezes, é concebida como restrita à análise, à interpretação e ao diagnóstico dos sujeitos, como é discutido por Santiago e Romagnoli (2021). Porém, como é descrito por Hur (2019) em sua obra “Psicologia, Política e Esquizoanálise”, os fundamentos da Esquizoanálise possuem vínculos com a psicologia por desenvolverem e analisarem uma pragmática ético-estético-política, que além de atuarem nos âmbitos sociais e políticos, também influenciam nas instâncias psicológicas e afetivas.

A pragmática ético-estético-política é estética justamente por ser pautada na criação, o que, de acordo com Rocha (1993), pressupõe atributos construtivistas e

heterogêneos. Soma-se a isso seu caráter político, que é desenvolvido a partir da noção de responsabilidade sobre aquilo que foi constituído na criação, uma vez que ultrapassa concepções determinísticas preestabelecidas. Desse modo, a pragmática em questão é ética, pelo compromisso com a potencialização e diferenciação da vida e dos sujeitos, produzindo contingentes de atualizações e de devires que atravessam e constituem os processos subjetivos (ROCHA, 1993).

Para Parpinelli e Souza (2005), o método esquizoanalítico de intervenção, assim como outros conceitos esquizoanalíticos, como rizoma, território, fluxo e devir, podem e devem ser aplicados à clínica psicológica contemporânea, uma vez que, além de renovar o aparato interpretativo e prático da clínica, a esquizoanálise abrange uma complexa e vasta concepção de mundo, constituindo o humano como inseparável desse e, dessa forma, respondendo as complexas e diferentes demandas da clínica psicológica atual. Ademais, destaca-se que o uso da filosofia da diferença não é um simples transpor uma clínica à clínica, é a possibilidade de uso do arcabouço teórico-conceitual esquizoanalítico como uma contribuição, também, à formação do psicólogo, de modo que este possa analisar as manifestações dos fenômenos psicológicos e suas dimensões biológicas, sociais, políticas, ambientais, econômicas e subjetivas por outra perspectiva.

Apesar da constante associação entre a subjetividade e seu suposto caráter individual e sua estabilidade, percebe-se que sua construção está relacionada aos movimentos de des-re-territorialização dos sujeitos, a partir da ação das forças que os (des)estruturam, forças essas que são permeadas pela criação coletiva e pelo movimento (SOARES; MIRANDA, 2009). Sendo assim, Cassiano e Furlan (2013), citando Deleuze e Guattari, destacam que a subjetividade pode ser (re)nomeada para processos de subjetivação-dessubjetivação, uma vez que o ser humano se constrói e se desconstrói através de suas relações, enquanto transita pelo rizoma que compõe a realidade.

Outro ponto que merece ressalva quanto aos princípios psicanalíticos que se diferem dos princípios esquizo diz respeito à ideia de inconsciente. De acordo com Guattari (1981), para a psicanálise o inconsciente forma-se pelo movimento de repulsão dos representantes pulsionais que tanto o pré-consciente quanto o consciente não conseguiriam lidar e pelo movimento de atração daquilo que foi anteriormente recalçado. Evidencia-se, portanto, que não há um processo criativo e produtivo partindo do inconsciente, apenas caminhos pré-determinados e fadados a repetições.

Já o inconsciente, de acordo com a esquizoanálise, é pautado na criação e produção, por isso é chamado de inconsciente maquínico. Dentre as características desse inconsciente, cita-se que não é sede apenas de conteúdos representativos, dando lugar também à interação e a sistemas de intensidade; seus componentes não são reduzidos a apenas um sistema de análise; suas relações não dependem de estruturas universais; ele não é restrito apenas ao imaginário passado e infantil, podendo se redobrar no aqui e agora; tem ligação direta com o contexto histórico dos sujeitos; e, para se alcançar esse inconsciente, não é primordial o trabalho do analista, podendo ser alcançado individual ou coletivamente (GUATTARI, 1981).

Outro ponto descrito por Hur (2019) relacionando os princípios esquizoanalíticos e a subjetividade diz respeito ao coeficiente de territorialização. De forma que o potencial de ação e resposta dos sujeitos frente ao poder das forças, aos investimentos desejantes e aos regimes de saberes e códigos, desenvolve articulações que são fundamentais para a formação da subjetividade, podendo construir coeficientes de territorialização mais rígidas e estratificadas ou desterritorializadas com a fluidez das forças.

Ademais, soma-se a tais atravessamentos da subjetividade a questão descrita por Deleuze e Guattari (1996) a respeito da segmentaridade e da micropolítica. Para os autores, todos os indivíduos são atravessados por duas segmentaridades, uma molar e outra molecular, sendo que toda ação do sujeito é perpassada por ambas, assim como todo o social. Em vista disso, toda política é ao mesmo tempo uma macropolítica, por seus reflexos molares na sociedade, e uma micropolítica, por suas atuações moleculares e pelo maquinário desejante dos sujeitos, desenvolvendo-se, assim, uma psicopolítica.

4 A INSERÇÃO DA ESQUIZOANÁLISE EM CURRÍCULOS E PROJETOS PEDAGÓGICOS DE CURSOS DE PSICOLOGIA

Tendo como finalidade fazer uma avaliação da presença e das possíveis contribuições da esquizoanálise nos currículos e nos projetos pedagógicos de cursos de Psicologia, foram analisados projetos pedagógicos de duas universidades distintas. Com o propósito de preservar a identidade de tais universidades, essas serão referenciadas pelas siglas U1 e U2.

A primeira universidade escolhida, U1, é uma universidade privada, localizada na capital do estado de Minas Gerais. Já a segunda, intitulada U2, é uma universidade pública, que tem sua sede numa cidade do interior do mesmo estado.

A partir das bases de análise de projetos pedagógicos fornecidas por Seixas *et al.* (2013), foram definidas três categorias que compõem os aspectos mais relevantes que emergiram e que respondem ao objetivo da pesquisa. Assim, as discussões serão apresentadas nas subseções: “Fundamentos teóricos, filosóficos e pedagógicos”; “Disciplinas, ênfases curriculares e a presença da esquizoanálise”; e “A prática e a formação profissional da psicologia e os possíveis atravessamentos esquizoanalíticos”.

4.1 Fundamentos teóricos, filosóficos e pedagógicos

Tendo como fundamento a leitura e análise dos projetos pedagógicos, verificou-se que em ambos os projetos destacam-se o compromisso e a responsabilidade social da psicologia, de modo que a formação de psicólogos seja pautada pela inclusão e justiça social, considerando as múltiplas realidades socioculturais. Em vista disso, busca-se desenvolver, nas psicólogas e psicólogos em formação, uma postura ética e crítica, assim como a habilidade de realizar análises para além do individual do sujeito, considerando, também, os âmbitos econômicos, sociais, ambientais e políticos que o atravessam. Enquanto a U2 salienta que todo seu currículo possui um enfoque na saúde coletiva, a U1 não faz o mesmo, fato que pode demonstrar tanto uma possibilidade de abrangência das temáticas do curso como a falta de uma temática como objeto principal a ser trabalhado.

No que se refere aos objetivos específicos dos cursos de psicologia das universidades em estudo, chama a atenção a relevância dada à percepção crítica dos fenômenos sociais, econômicos, ambientais, culturais e políticos, a fim de compreender a complexidade, a amplitude e a multideterminação dos fenômenos psicológicos. Nesse sentido, percebe-se que a esquizoanálise poderia ser um recurso fundamental para promover tal entendimento e análise crítica dos fenômenos psicológicos a partir de seus múltiplos atravessamentos, uma vez que, além de demonstrar uma estrita relação entre eles, também oferece elementos para discussões mais aprofundadas sobre esse tema - tal como descrito por Hur (2019) ao explicitar que a análise da pragmática ético-estético-

política desenvolvida pela esquizoanálise tem um profundo vínculo com as esferas psicológicas.

Ambos os currículos considerados dividem-se em duas ênfases, a U1 trabalha com as ênfases de “Psicologia Clínica” e “Psicologia, Organizações e Sociedade”, enquanto a U2, tem ênfases semelhantes, mas que envolvem a temática de saúde coletiva: “Abordagens Clínicas e Saúde Coletiva” e “Dimensões Institucionais e Saúde Coletiva”. Na análise referente à U1, verifica-se que as contribuições da prática esquizoanalítica poderiam ser mais exploradas na ênfase “Psicologia, Organizações e Sociedade” do que na ênfase em clínica, em razão de os objetivos da primeira se mostrarem mais afeitos a análises micro e macrossociais que ligam o indivíduo à sociedade, numa relação de afetação e atravessamentos, ao passo que a segunda ênfase tem um enfoque maior no indivíduo, enfatizando menos sua relação com o mundo, com uma visão mais interiorizada de sujeito. Tal visão é incongruente com os princípios esquizoanalíticos, que consideram que os processos de subjetivação se efetivam em relação com o mundo e, por isso, são incessantemente atravessados por questões socioculturais, políticas e relacionais (PARPINELLI; SOUZA, 2005).

Em relação às ênfases ofertadas pela U2, “Abordagens Clínicas e Saúde Coletiva” e “Dimensões Institucionais e Saúde Coletiva”, verifica-se, igualmente, que as contribuições da prática esquizoanalítica poderiam ser mais exploradas nas ênfases citadas, na medida em que propõem em seus objetivos uma visão ampla e múltipla dos fenômenos psicológicos, os relacionando à saúde coletiva, além de considerar suas dimensões econômicas, políticas, sociais, ambientais e biológicas, observando o sujeito com base na relação entre seu interior psíquico e o exterior social.

Ademais, ressalta-se a importância que a esquizoanálise poderia ter na ênfase de organizações da U1 e suas possibilidades de inserção na ênfase clínica, além da relevância que sua presença poderia ter em ambas as ênfases trabalhadas na U2, justamente por realizar análises micro e macropolíticas com reflexos institucionais, coletivos e individuais, o que permitiria a compreensão dos múltiplos atravessamentos econômicos, políticos, sociais, ambientais, biológicos e relacionais nos fenômenos psicossociais, que são questões descritas como objetivos das ênfases supracitadas.

4.2 Disciplinas, ênfases curriculares e a presença da esquizoanálise

Ao adentrarmos na análise de currículo, é importante entender que este é um campo de disputa de poder. A grade curricular não é uma estrutura neutra, mas uma elaboração feita por atores que disputam hegemonia de saberes. Entretanto, além de um currículo oficial e explícito, há um currículo oculto, que se apresenta de duas formas distintas: como aspectos do ambiente escolar, não explícitos, que contribuem para aprendizagens sociais relevantes; e como supressão/redução de saberes ou disciplinas com um fim determinado, seja institucional, governamental ou de um grupo hegemônico de interesse (SILVA, 2003).

A partir da consulta às ementas e bibliografias, básicas e complementares, referentes a cada uma das disciplinas e ênfases ofertadas pelas universidades em foco, foi realizada uma avaliação da inserção da esquizoanálise averiguando-se a presença de autores ou obras esquizoanalíticas. Com o propósito de explicitar o resultado de tais análises, os quadros 1, relativo a U1, e 2, referente à U2, apresentam as disciplinas em que foram encontradas bibliografias esquizoanalíticas em cada um dos currículos, seus respectivos períodos, se estão ou não relacionadas a alguma das ênfases e quais as bibliografias observadas.

Quadro 1: Disciplinas que apresentam bibliografia esquizoanalítica da U1

Disciplina	Período	Ênfase	Bibliografias Esquizoanalíticas Básicas	Bibliografias Esquizoanalíticas Complementares
Psicologia: Epistemologia e Profissão	Segundo	Núcleo comum	Não possui bibliografia básica relacionada à esquizoanálise	* “Lógica do Sentido”, de Deleuze * “Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia”, v. 1 e v. 2, de Deleuze e Guattari
Teorias e Processos Grupais	Quarto	Núcleo comum	* “Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática”, de Barenblitt	* “Grupo: teoria e técnica”, de Barenblitt * “Micropolítica: cartografias do desejo”, de Guattari e Rolnik
Psicologia Institucional	Sexto	Núcleo comum	* “Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática”, de Barenblitt	* “Introdução à Esquizoanálise”, de Barenblitt * “Micropolítica: cartografias do desejo”, de Guattari e Rolnik
Estágio Supervisionado VI	Sexto	Núcleo comum	Não possui bibliografia básica relacionada à esquizoanálise	* “Grupo: teoria e técnica”, de Barenblitt

Intervenções Psicossociais	Nono	Ênfase “Psicologia, Organizações e Sociedade”	* “Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática”, de Barenblitt	* “Diálogos”, de Deleuze e Parnet * “Micropolítica: cartografias do desejo”, de Guattari e Rolnik
----------------------------	------	---	--	--

Fonte: Elaborado pelos autores

O quadro 1, que se refere às disciplinas do curso de Psicologia da U1, apresenta cinco disciplinas em que estão presentes bibliografias relativas à esquizoanálise. São elas: Psicologia: Epistemologia e Profissão, no segundo período; Teorias e Processos Grupais, no quarto período; Psicologia Institucional e Estágio Supervisionado VI, no sexto período; e Intervenções Psicossociais, no nono período. Dentre essas, apenas a disciplina “Intervenções Psicossociais” encontra-se em uma ênfase específica, a de “Psicologia, Organizações e Sociedade”, o que demonstra que, na U1, a esquizoanálise aparece como parte do conjunto de saberes básicos para a formação em psicologia. Porém, tal fato não é confirmado quando se analisa se as bibliografias esquizoanalíticas estão mais presentes nas bibliografias básicas ou nas complementares. No caso dessa universidade, elas estão mais presentes nas bibliografias complementares, sendo que todas as disciplinas citadas possuem textos esquizoanalíticos complementares nessa área, enquanto apenas três disciplinas, do total de cinco, demonstram a presença de textos da esquizoanálise nas bibliografias básicas.

Quadro 2 – Disciplinas que apresentam bibliografias esquizoanalíticas da U2

Disciplina	Período	Ênfase	Bibliografias Esquizoanalíticas Básicas	Bibliografias Esquizoanalíticas Complementares
Dinâmica de Grupos e Relações Humanas	Primeiro	Núcleo comum	* “Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática”, de Barenblitt	Não possui bibliografias complementares relacionadas à esquizoanálise
Análise Institucional	Quinto	Núcleo comum	* “Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática”, de Barenblitt * “Grupo: teoria e técnica”, de Barenblitt	* “Introdução à Esquizoanálise”, de Barenblitt
Psicologia Política	Décimo	Ênfase “Dimensões Institucionais e Saúde Coletiva”	Não possui bibliografias básicas relacionadas à esquizoanálise	* “Micropolítica: cartografias do desejo”, de Guattari e Rolnik

Fonte: Elaborado pelos autores

Já no quadro 2, relativo à U2, observa-se a presença da esquizoanálise em três disciplinas. São elas: Dinâmica de Grupos e Relações Humanas, no primeiro período; Análise Institucional, no quinto período; e Psicologia Política, no décimo período. Dentre elas, apenas a disciplina de Psicologia Política não está no núcleo comum, ela se faz presente na ênfase “Dimensões Institucionais e Saúde Coletiva”. Tal disciplina é a única entre as demais apresentadas que não possui bibliografia básica relacionada à esquizoanálise. Enquanto a disciplina de “Dinâmica de Grupos e Relações Humanas” é a única entre as três disciplinas que não possui bibliografia complementar relacionadas à esquizoanálise.

Percebemos que a presença da esquizoanálise é muito escassa nos casos analisados em comparação com outros conjuntos de saberes, como a psicanálise, que se mostra muito mais presente, em número de bibliografias, em ambas as universidades. No entanto, ao realizar uma análise comparativa entre os projetos, a U1 apresenta um maior acervo esquizoanalítico, principalmente no que diz respeito à diversidade de autores, bibliografias, disciplinas e áreas em que a esquizoanálise é abordada. Fato que também é comprovado pela fundamentação quantitativa executada, que demonstra que a esquizoanálise se presentifica em 5,68% do total de disciplinas do curso e em 1,7% do total de indicações bibliográficas da U1, ao passo que na U2 ela é observada em 4,1% das disciplinas e 0,8% do total de bibliografias.

Tanto na U1 como na U2, as disciplinas em que estão presentes bibliografias esquizoanalíticas relacionam-se, em maior parte, com processos grupais e análises institucionais. Além disso, nenhuma das disciplinas fora do núcleo comum em que referências da esquizoanálise aparecem está inserida nas ênfases clínicas, apenas nas ênfases referentes às instituições e organizações. Porém, no currículo da U1, a esquizoanálise também se apresenta em disciplinas de atuações psicossociais e na epistemologia da ciência psicológica, sendo elas Intervenções Psicossociais e Psicologia: Epistemologia e Profissão, enquanto na U2, ela é observada na disciplina Psicologia Política. Dessa forma, percebe-se um foco maior nas análises macropolíticas, institucionais e grupais provenientes da abordagem esquizoanalítica, em detrimento de outros aspectos desse conjunto de saberes, como a prática clínica, a micropolítica e a visão de sujeito relacional inseparável do mundo. Destaca-se, aqui, que os saberes da esquizoanálise se concentram, exclusivamente, nas discussões teóricas e concentram-se

em temas já a ela atribuídos, evidenciando pouco interesse em ampliar as discussões, bem como não são utilizados esses saberes nas práticas clínicas e nos estágios que visam à aplicação efetiva da psicologia.

No que concerne às bibliografias descritas em cada um dos projetos, verifica-se que, enquanto na U1 há a presença de pelo menos duas indicações bibliográficas fundamentais da esquizoanálise - os “Mil Platôs”, volume 1 e volume 2 -, na U2 não estão presentes nenhum dos livros base escritos por Deleuze e Guattari - “O Anti-Édipo”, “Mil Platôs”, “Kafka: por uma literatura menor”, “O que é a Filosofia?”. Nesse sentido, a questão relativa aos autores das bibliografias esquizoanalíticas presentes nos currículos merece destaque, já que o autor mais presente em ambos os currículos é Gregório Barenblitt – o que talvez possa ser atribuído a sua grande influência e presença em Minas Gerais, onde foi fundado, inclusive, seu Instituto, atualmente chamado de Instituto Gregório Barenblitt, como é exposto por Rossi e Fluminense (2019). Assim, a bibliografia mais presente nos dois projetos é o “Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática”, ou seja, os fundadores da esquizoanálise, Deleuze e Guattari, e suas obras não são tão citados quanto outros autores e obras mais contemporâneos. Porém, enquanto a U1 cita algumas obras de Deleuze e Guattari, a U2 não apresenta nenhuma obra conjunta desses autores, apenas o livro “Micropolítica: cartografia do desejo” de Félix Guattari e Suely Rolnik, que aparece como bibliografia complementar em uma disciplina. Além disso, ressalta-se que não há nenhuma obra de Deleuze na bibliografia.

Por fim, salienta-se que, enquanto na U1 a esquizoanálise se apresenta em maior parte nas bibliografias complementares do curso, estando em 2,1% do total dessas – sendo que, de 12 bibliografias esquizoanalíticas, 9 são complementares –, na U2 a esquizoanálise marca sua presença nas bibliografias básicas, estando em 1,4% do total dessas – de 5 bibliografias esquizoanalíticas, 3 são básicas. Análise, essa, que chama a atenção pelo fato de que, mesmo a U1 apresentando uma maior presença da temática esquizoanalítica, não a considera, em sua maior parte, como um conjunto de saberes básicos para as disciplinas, mas sim complementares, ao passo que a U2, apesar de ter uma menor presença de referências da esquizoanálise, a considera, em sua maior parte, como um saber básico para as disciplinas do curso.

4.3 A prática e a formação profissional da psicologia e os possíveis atravessamentos esquizoanalíticos

Após a análise apresentada na seção anterior, foi desenvolvido um estudo dos projetos de curso, dessa vez pautado nas questões referentes à prática profissional da ciência psicológica e às possibilidades de atravessamentos esquizoanalíticos. Desse modo, buscou-se identificar, a partir da análise das ementas dos currículos, disciplinas que, mesmo sem indicarem em sua bibliografia referências da esquizoanálise, foram consideradas apropriadas para usar de sua pragmática para a formação de psicólogas e psicólogos. Diante disso, foram constituídas três categorias que integram as disciplinas selecionadas de ambas as universidades: Dimensões institucionais, clínicas e subjetivas; Educação e aprendizagem; e Processos com grupos.

A categoria de Dimensões institucionais, clínicas e subjetivas é composta pelas disciplinas de “Psicologia e Políticas Públicas”, “Psicologia e Saúde Coletiva” e “Subjetividade e Sociedade Contemporânea”, todas relativas à U1. Além dessas, foram selecionadas as disciplinas de “Abordagens Clínicas e Saúde Coletiva”, “Dimensões Institucionais e Saúde Coletiva” e “Sociologia Organizacional”, referentes à U2, para compor tal categoria. Tais matérias abordam temáticas que dizem respeito às relações entre Estado, sociedade e política; à saúde e processos de subjetivação; à emergência de novas subjetividades; à noção clínica ampliada e seu paradigma ético, estético e político; a intervenções e análises institucionais; e à compreensão das organizações sociais como parte da dinâmica funcional da sociedade.

Tendo como base estes aspectos, concebe-se que as contribuições da esquizoanálise nas disciplinas supracitadas estão relacionadas às análises macro e micropolítica desenvolvidas pela pragmática. Posto que, ao realizá-las, é desenvolvida uma cartografia que permite compreender o mundo social a partir da noção de rizoma, prevendo as infinitas possibilidades de conexões entre quaisquer dos âmbitos da sociedade (DELEUZE; GUATTARI, 1995a).

Assim sendo, é possível perceber as relações entre o Estado, a política, a saúde, as instituições e a sociedade, além das subjetividades que emergem de tais encadeamentos e podem ser trabalhadas na clínica psicológica. Ressalta-se a análise da subjetividade sendo pautada nos pressupostos apresentados por Hur (2019), em que,

dentre seus muitos cenários de desenvolvimento, essa é constituída por agenciamentos coletivos e relacionais que são justificados pelo rizoma. Além disso, Soares e Miranda (2009), assim como Cassiano e Furlan (2013), também compõem essa discussão ao apresentar a subjetividade como uma produção de um fluxo contínuo, permeado por corpos e máquinas sociais, industriais, culturais, atravessadas pelo desejo e pelo psíquico.

A segunda categoria, “Educação e aprendizagem”, é formada pelas disciplinas de “Psicopedagogia”, “Psicologia da Aprendizagem” e “Psicologia e Processos de Ensino Aprendizagem”, da U1, e pela matéria “Psicologia Escolar”, da U2. De acordo com suas ementas, tais disciplinas buscam recuperar a ideia da educação como um meio de inserção do sujeito na cultura, observando o ato educativo por uma perspectiva multifatorial, com influências familiares, institucionais e sociais. Usando das propostas de Gallo (2008), poderia-se aplicar a esquizoanálise nos panoramas da educação, de forma que essa seja pautada na criação, nas multiplicidades e nas transversalidades. A partir disso, uma educação criadora permitiria uma inserção do sujeito na cultura, e utilizando uma visão de mundo múltiplo e transversal, seria possível verificar as diversas interferências sociais, familiares, institucionais e ambientais nesse campo.

Por último, o tópico “Processos com grupos” refere-se às disciplinas de “Grupoterapia” e “Processos Grupais”, ambas do currículo da U2, e que tem como objetivo compreender os mecanismos de ação grupal e suas possibilidades. Guattari (1981) descreve o poder dos grupos para a recuperação de uma identidade coletiva que foi perdida por opressões e dominações sociais. Desse modo, o autor destaca como as práticas grupais são fundamentais para que as revoluções moleculares possam permitir a vazão do desejo dos sujeitos, fazendo desenvolver novas potencialidades e desterritorializações, assim como posto por Soares e Miranda (2009), ao tratar o sujeito enquanto potência e multiplicidade a partir da produção coletiva dos processos subjetivos. Outro autor esquizoanalista que apresenta a capacidade dos grupos é Hur (2012), que, ao caracterizar o esquizodrama de Gregório Barenblitt como um conjunto de mecanismos de ação grupal psicoterápica, afirma que sua atuação em âmbitos psicológicos e sociais proporciona desterritorializações dos sujeitos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as análises dos projetos pedagógicos em questão e do referencial teórico pesquisado, expostos neste artigo, pode-se observar que a presença de conteúdos referentes à esquizoanálise nos cursos de psicologia – levando-se em consideração o uso do projeto como suporte teórico de ensino – em geral, se mostra ainda incipiente. Observou-se que os saberes dessa área presentes nas universidades analisadas estão concentrados em análises macropolíticas, institucionais e grupais, o que acaba por excluir outras facetas desse campo, como a noção de clínica, de rizoma e de micropolítica.

Desse modo, desenvolve-se um possível diálogo entre Deleuze e Guattari (1995a), Guattari (1981), Hur (2012; 2019), Gallo (2008) e Parpinelli e Souza (2005), considerando-se que todos esses autores possuem valiosas contribuições a respeito da esquizoanálise que poderiam acrescentar na formação de psicólogas e psicólogos. Tais pontos relacionam-se a questões institucionais, clínicas, de educação, de aprendizagem e de ações grupais, em que a inclusão da esquizoanálise permite observar o sujeito enquanto parte em relação com o mundo.

Sendo assim, este sujeito é percebido em seus mais diversos âmbitos, sejam eles culturais, sociais, biológicos, ambientais, econômicos e políticos, o que faz produzir novas subjetividades, potencialidades e desterritorializações e, conseqüentemente, uma nova forma de se trabalhar com o ser humano, que é o objeto principal da ciência psicológica. Portanto, o que se propõe nas discussões teórico-metodológicas utilizadas como recurso para os conteúdos lecionados aos discentes é, justamente, uma maior presença dos conteúdos relacionados à esquizoanálise dentro dos projetos pedagógicos, oferecendo possibilidades mais amplas de perspectivas teóricas e rizomáticas dentro das salas de aula.

A partir da pesquisa em foco foi possível alcançar o objetivo inicial proposto, avaliar a presença e as possíveis contribuições da esquizoanálise em cursos de psicologia. Além disso, destaca-se que este estudo contribui para as áreas da esquizoanálise, da psicologia e da educação e busca subsidiar e incentivar mais pesquisas e discussões que abordem tais temáticas, trabalhando-as de diversas formas e por diferentes pontos de vista.

Sobre o artigo:

Recebido: 28 de junho de 2021

Aceito: 29 de março de 2023

REFERÊNCIAS

BAREMBLITT, Gregório. **Introdução à esquizoanálise**. Belo Horizonte: Ed. Instituto Félix Guattari, 2010.

CASSIANO, Marcella; FURLAN, Reinaldo. O processo de subjetivação segundo a esquizoanálise. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, p. 373-378, 2013.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. *et al.*. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, Vozes, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995a.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 2. São Paulo: Ed. 34, 1995b.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 3. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 4. São Paulo: Ed. 34, 1997a.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997b.

_____. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 3. ed. rev. São Paulo: Editora 34, 2013.

_____. **Diferença e repetição**. Editora Paz e Terra, 2020.

DOSSE, François. **Gilles Deleuze & Félix Guattari Biografia Cruzada**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Penso Editora, 2012.

GALLO, Silvio. **Deleuze e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GESSER, Veronica; RANGHETTI, Diva Spezia. O currículo no ensino superior: princípios epistemológicos para um design contemporâneo. **Revista e-curriculum**, v. 7, n. 2, p. 1-23, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUATTARI, Felix. **Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Belo Horizonte: Vozes, 1986.

GUÉRON, Rodrigo. **Capitalismo, Desejo e Política: Deleuze e Guattari leem Marx**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2021.

HUR, Domenico Uhng. O dispositivo de grupo na Esquizoanálise: tetravalência e esquizodrama. **Vínculo**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 18-26, jun.2012.

_____. **Psicologia, Política e Esquizoanálise**. Campinas, SP: Alínea, 2019.

PARPINELLI, Roberta Stubs; SOUZA, Edmilson Wantuil Freitas de. Pensando os fenômenos psicológicos: um ensaio esquizoanalítico. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, ed. 3, p. 479-487, 2005.

PASSOS, Eduardo; BENEVIDES, Regina. Clínica e biopolítica na experiência do contemporâneo. **Psicol. clín**, p. 89-99, 2001.

ROCHA, Marisa Lopes da. Do paradigma científico ao paradigma ético-estético e político: a arte como perspectiva nas soluções educacionais. **Cadernos de Subjetividade**, v. 1, n. 2, p. 235-240, 1993.

SANTIAGO, Maria Clara Carneiro; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. Formação inventiva em Psicologia: problematizações à luz dos novos paradigmas da ciência contemporânea. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 16, n. 1, p. 1-15, 2021.

SEIXAS, Pablo Sousa *et al.*. Projeto Pedagógico de Curso e formação do psicólogo: uma proposta de análise. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 17, n. 1, p. 113-122, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SKEIKA, Jhony A. Deleuze e Guattari: Esquizoanálise e Maio de 68. **Uniletras**, Ponta Grossa, v. 40, ed. 1, p. 33-41, 2018.

SOARES, Leonardo Barros; MIRANDA, Luciana Lobo. Produzir subjetividades: o que significa?. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, v. 9, n. 2, p. 408-424, 2009.